Manter a confiança durante a pandemia da COVID-19

Introdução

A pandemia de COVID-19 e as subsequentes medidas de confinamento rigoroso levaram à maior crise na UE desde a Segunda Guerra Mundial, tanto em termos de perda de vidas como de consequências socioeconómicas. Ao mesmo tempo, a Europa estava a enfrentar outro fenómeno de rápida propagação: a proliferação de informações falsas (informações incorretas ou enganosas) e de desinformação (informação deliberadamente enganosa) nas redes sociais.

Estes desenvolvimentos põem à prova as instituições nacionais e supranacionais. Uma vez que o cumprimento das medidas de confinamento foi uma primeira linha de defesa contra a COVID-19, a manutenção da confiança nas instituições — incluindo o governo, a ciência e os meios de comunicação social — foi fundamental para assegurar uma resposta eficaz. No entanto, dada a propagação desenfreada de desinformação, os governos tiveram de atuar rapidamente para convencer os cidadãos da necessidade de medidas restritivas e da importância das vacinas.

Contexto político

Em resposta às consequências socioeconómicas das restrições relacionadas com a COVID-19 — como a inatividade forçada no mercado de trabalho — e a fim de manter as empresas e os meios de subsistência em atividade, os governos foram rápidos a introduzir medidas compensatórias. A UE disponibilizou 723,8 mil milhões de euros através do Mecanismo de Recuperação e Resiliência para apoiar as reformas e os investimentos nos Estados-Membros da UE e tornar as economias e sociedades europeias mais sustentáveis, resilientes e mais bem preparadas para as transições ecológica e digital.

Principais conclusões

Utilizando dados do inquérito eletrónico *Living, working and COVID-19* da Eurofound, este relatório mostra que a **confiança nas instituições nacionais** caiu acentuadamente entre abril e julho de 2020, após o primeiro surto da pandemia, e continuou a diminuir entre outubro de 2020 e março de 2021, durante o segundo surto da pandemia no final de 2020 e o terceiro surto na primavera de 2021. Os resultados das entrevistas com os grupos de discussão indicaram que, durante o primeiro surto da pandemia, o efeito inicial de "mobilização em torno da bandeira" (aumento do apoio aos governos devido à natureza sem precedentes da situação) se desvaneceu rapidamente. As entrevistas testemunharam o descontentamento crescente à medida que os indivíduos se tornaram preocupados com as limitações das suas liberdades e direitos e questionaram a eficácia e a coerência das respostas políticas.

A confiança na UE seguiu uma trajetória muito diferente. A iniciativa NextGenerationEU, um instrumento temporário de recuperação de mais de 800 mil milhões de EUR, desencadeou um aumento da confiança entre os cidadãos. O maior aumento da confiança na UE verificou-se no grupo de países do Mediterrâneo Ocidental. Este cluster inclui a Itália e a Espanha, os dois maiores beneficiários do financiamento da NextGenerationEU, e inclui também Portugal, outro grande beneficiário.

A investigação concluiu que qualquer melhoria nos níveis de confiança, em particular com a confiança nas instituições nacionais, resultou numa taxa de satisfação mais elevada com as **respostas políticas do governo à pandemia**. Do mesmo modo, qualquer diminuição da confiança levou a taxas mais elevadas de descontentamento com a política governamental.

O estudo concluiu que as pessoas com um elevado grau de confiança nas instituições tinham maior probabilidade de serem vacinadas, mesmo que tenham manifestado relutância no início das **campanhas de imunização**. Os inquiridos com elevados níveis de confiança nas instituições nacionais responderam positivamente a todas as razões citadas para se vacinarem, exceto o facto de ser exigido no trabalho e a pressão social. As razões mais fortes para ser vacinado incluíram a «proteção de mim próprio e dos outros» e a «erradicação da pandemia». Os mesmos inquiridos consideraram apenas um motivo para não ser vacinado: já tinham tido a COVID-19. Estes inquiridos com elevados níveis de confiança não acreditavam que a vacina contra a COVID-19 agravaria as questões de saúde.

Os níveis de **confiança social**, que se refere à opinião dos inquiridos sobre se se pode confiar nas outras pessoas, não estão relacionados com a probabilidade de tomar uma vacina contra a COVID-19. Os indivíduos que apresentam níveis mais elevados de confiança social podem ter sido mais propensos a vacinar-se para proteger os outros. No entanto, também podem ter sido menos propensos a ser vacinados, uma vez que contavam com outras pessoas para alcançar a imunidade de grupo (uma espécie de efeito «free-rider»).

Em termos de **confiança nos meios de comunicação**, os meios de comunicação tradicionais são mais confiáveis para aqueles que os citam como a sua principal fonte de notícias e, do mesmo modo, os meios de comunicação social são mais confiáveis para aqueles que preferem utilizá-los. Este último grupo tendeu a ter uma menor confiança institucional e um menor grau de satisfação com as medidas tomadas pelos seus governos para conter a COVID-19.

Nos grupos de discussão, alguns participantes sentiram que os meios de comunicação social provocavam medo através de notícias diárias sobre as taxas de mortalidade. Ao mesmo tempo, alguns participantes consideraram que os **meios de comunicação tradicionais** não responderam às suas perguntas nem informaram claramente o público. Por este motivo, preferiram obter as suas informações de outras fontes, incluindo os mais recentes canais de comunicação social e as **redes sociais**.

Indicadores para políticas

- Os atores políticos na maioria dos países não compreenderam imediatamente a urgência da situação, o que atrasou a aplicação de medidas de precaução. As futuras crises desta complexidade exigirão novas e melhores formas de gestão de crises.
- A combinação de medidas que os governos tomaram durante a pandemia, incluindo restrições e medidas compensatórias, pode nem sempre ter beneficiado todos os que delas necessitavam. Por conseguinte, as medidas tomadas devem ser avaliadas em função da sua eficácia, eficiência e proporcionalidade.
- As ações não farmacêuticas, incluindo os confinamentos e o distanciamento social, tiveram efeitos de grande alcance nos indivíduos. Após a fase inicial, estas medidas provocaram explosões de "reactância", uma forte rejeição emocional das medidas, e uma erosão da confiança nas instituições. Este facto sugere que deve ser dada atenção suficiente à conceção e implementação de estratégias de saída responsáveis e à comunicação clara sobre a evolução das circunstâncias.
- As estratégias de comunicação adoptadas pelas instituições podem influenciar a confiança. A luta contra a desinformação (informação incorreta ou enganosa) e a desinformação (informação deliberadamente enganosa) nas plataformas de redes sociais deve ser uma prioridade.
- Os dados mostram que uma baixa confiança institucional está associada a baixas taxas de adesão à vacinação. Dado que a confiança no sistema de saúde e na indústria farmacêutica é particularmente pertinente neste contexto, é fundamental que os decisores políticos se empenhem numa comunicação clara e contínua sobre as vacinas e os seus efeitos secundários.
- É fundamental dar resposta às preocupações económicas dos cidadãos. Uma recuperação justa e inclusiva da pandemia, com igualdade de acesso à educação e à formação, ao emprego, à habitação a preços acessíveis e à segurança social, especialmente no contexto do quadro de transição justa, em que nenhuma pessoa ou região é deixada para trás, são essenciais para estes esforços.
- Durante a pandemia, a confiança na UE manteve-se bastante elevada, tendo mesmo aumentado com o anúncio do seu plano de recuperação, o que indica que a UE pode desempenhar um papel importante quando ocorrem crises.

Informações adicionais

O relatório *Manter a confiança durante a pandemia de COVID-19* está disponível em: https://eurofound.link/ef22001

Gestor de investigação: Daphne Ahrendt

information@eurofound.europa.eu